

## Cultura científica, cultura escolar, cultura juvenil e cultura popular no currículo de Química no Ensino Médio – um coro de vozes.

Murilo Cruz Leal<sup>1</sup> (PQ), Maria Fernanda Rivetti da Silva Rocha<sup>2</sup> (IC)\* –mfrivetti@yahoo.com.br

1- Departamento de Ciências Naturais. UFSJ. Pç. Dom Helvécio, 74. 36.301-170 - São João del-Rei/MG

2- Licenciatura em Química . UFSJ. Pç. Dom Helvécio, 74. 36.301-170 – São João del-Rei/MG

Palavras Chave: ensino de Química, análise do discurso, culturas.

### Introdução

Há relação entre (in)sucesso escolar e as concepções de saber legítimo e de objetivos da escolarização, conforme materializadas nos currículos? Trazemos conosco o pressuposto de que o insucesso escolar está associado às oposições, estabelecidas nas práticas e nos discursos, entre as culturas dos estudantes, de fora da escola (popular, juvenil, dentre outras), e aquelas representadas pela instituição escolar (cultura científica e escolar). Tais culturas são aqui consideradas “vozes”, diferentes perspectivas conceituais e ideológicas, de acordo com o conceito de polifonia (ou multivocalidade) de Mikhail Bakhtin.<sup>1,2</sup> Neste trabalho, abordaremos alguns focos de tensão e articulação entre as diferentes culturas em jogo na constituição da identidade de nove jovens entre 15 e 20 anos pertencentes à classe popular de SJDR/MG, destacando-se as influências do sistema escolar público, em geral, e das aulas de Química, em particular. “Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade.”<sup>3</sup> Dessa forma, podemos considerar, com base em Bakhtin, que a palavra (o discurso, o texto) é o local onde se definem identidades que são sempre relacionais.

### Resultados e Discussão

No primeiro conjunto de questões propostas aos nove entrevistados buscou-se uma aproximação de seus perfis identitários, procurando perceber a presença ou a ausência da escola em suas referências e preferências pessoais (música, família, amigos etc.). Em geral, nos discursos, nota-se a ausência do professor como alguém que ensina coisas importantes para a vida, ele é visto como uma espécie de “cobrador da boa nota” e não como um incentivador da busca do conhecimento.

O segundo momento dirige-se diretamente à escola e às práticas escolares, com ênfase no ensino de Química. Três dos estudantes entrevistados afirmam não haver relação entre a Química e suas vidas. No entanto, dois deles têm posições vacilantes. Em algumas falas a Química aparece como “substância”: *Ah, tipo, tudo tem Química, no ar, no corpo da gente tem Química, tudo.* (Dani) Já Babi afirma que, nos dias atuais, praticamente todas

as nossas atividades estão relacionadas com a Química: *A Química relacionada com a minha vida (+) é assim, ela está em toda a parte, tudo que você faz hoje em dia tem uma relação com a Química.* O tipo de envolvimento dos estudantes nas aulas de Química se divide entre atenção e indiferença (conforme Paul Willis<sup>4</sup> em meados dos anos 70, categoriza os alunos em “cê-dê-efês”, “rapazes” e “semi cê-dê-efês”).

Os cálculos aparecem, em três entrevistas, como o maior problema para a compreensão da Química. Falta, por um lado, compreensão da relação entre os conceitos químicos e a matemática que lhes é associada: *E o que você acha da Química? Ah, eu acho ela meio::: (+) Ah, eu não gosto muito de Química não.../eu não sou muito fã daquelas contas, daquele negócio de átomo não.* (Rafael) Para Elisa, a dificuldade está na interpretação de problemas: *A partir do momento que você consegue entender o problema, a explicação do problema, aí fica fácil a Química.*

### Conclusões

Com base nas entrevistas realizadas, percebe-se que a escola figura de maneira muito discreta na definição das identidades dos jovens entrevistados. Pudemos perceber também que a maioria estuda apenas na escola, entidade que figura em separado de sua vida pessoal.

A Química é considerada como algo presente em suas realidades, mas os jovens entrevistados não sabem definir com clareza e detalhes como ela se relaciona com os seus cotidianos. Ao manter uma estrutura curricular distante da realidade juvenil, a escola tem perdido a oportunidade de conhecer e dialogar com sua visão de mundo, anseios e ideais.

### Agradecimentos

Ao programa de bolsa PIC/UFSJ.

<sup>1</sup> Bakhtin, M. M. *Questões de literatura e de estética* (a teoria do romance). São Paulo: Editora UNESP, 1934-35/1993.

<sup>2</sup> Bakhtin, M. M. *Os gêneros do discurso*. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. SP: Martins Fontes, 1952-53/2000.

<sup>3</sup> Bakhtin, M. M./V. N. Volochínov. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1929/1981.

<sup>4</sup> Willis, P. *Aprendendo a ser trabalhador*. PoA: ARTMED, 1991